

190				
			807	

# ÍNDIAS PROSTITUÍDAS



## Corpo de meninas é negociado em bailão

*O Bailão do Trevo da Redentora é a vitrina da tragédia gaúcha da exploração sexual das meninas indígenas. Ali, elas perdem a condição de ser humano, viram mercadorias nas mãos de cafetões e aproveitadores. O drama resulta no sofrimento de crianças mestiças rejeitadas pela tribo e por seu pai branco. A absurda situação sobrevive há mais de dois anos sob o olhar das autoridades.*

CARLOS WAGNER

Sob a proteção de líderes caingangs da Reserva da Guarita, em Tenente Portela, as garotas da tribo se prostituem no Bailão do Trevo da Redentora nos fins de semana. Além de ser protegida pelo Estatuto do Índio, a maioria é resguardada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, já que tem menos de 18 anos.

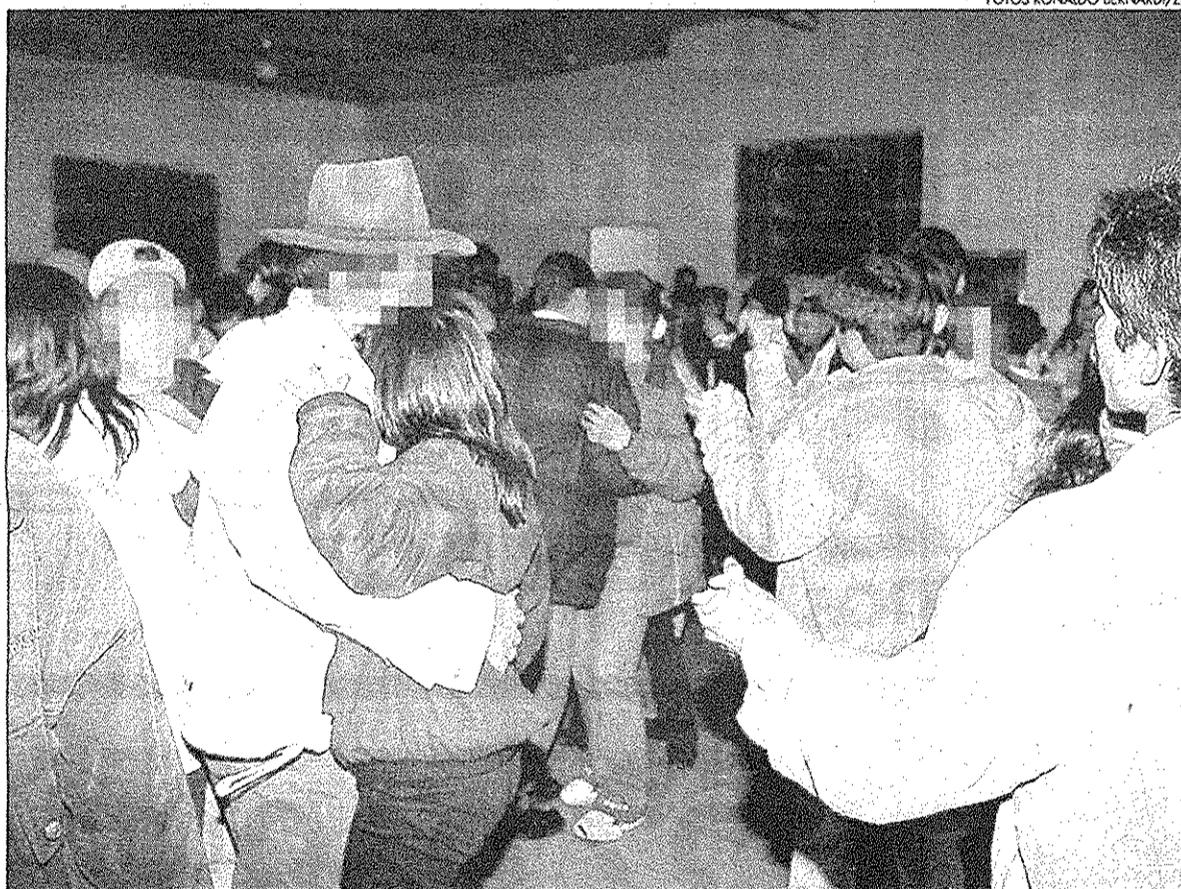
Elas dançam, são assediadas e negociadas dentro da casa noturna, ingerem bebidas alcoólicas e fazem programas nos carros estacionados nos arredores. Cobram de R\$ 3 a R\$ 5, ou simplesmente um copo de samba (mistura de Coca-Cola e aguardente). Para a preocupação do dono do estabelecimento, Euclides Machado da Rosa, o Clidão, o Bailão do Trevo da Redentora se tornou um símbolo da exploração sexual das meninas indígenas.

— Não posso fazer nada. Isto aqui é um lugar público. Tomo os cuidados que a lei manda, mas cada um é responsável por si. Lavo as mãos — diz Clidão.

O bailão, um dos mais animados da região, se situa junto a um dos trevos de acesso a Redentora. Todos os fins de semanas, se reúnem em torno de 400 pessoas, das quais 200 indígenas e pelo menos 80 delas prostitutas caingangs. A irregularidade já foi denunciada pela Fundação Nacional do Índio (Funai) ao Ministério Público Federal. A instituição apontou o cacique da Guarita, Valdir Joaquim, 39 anos, como um dos responsáveis pela prostituição das meninas indígenas a partir do bailão.

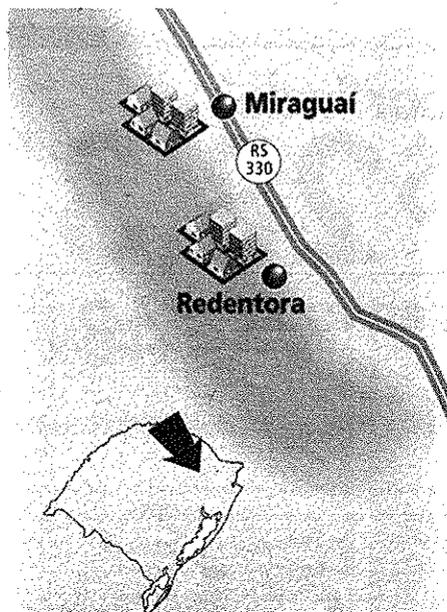
Perguntado sobre a acusação, Joaquim declarou não ter nada a falar. Não nega que constantemente participe do bailão. Se não vai, manda um representante, como na fria noite de 22 de julho, quando teve de resolver um problema mecânico no carro. Seu emissário foi Eliseu Claudino.

Claudino bebeu, dançou com meninas da tribo, assediou sexualmente garotas com menos de 18 anos e levou uma delas para namorar fora do salão. Justificou a atitude dizendo que todos estavam ali para se divertir. Uma prostituta cainganga, V.B.S., 14 anos, reclamou do assédio de outro líder, conhecido com Xerife.



FOTOS RONALDO BERNARDI/ZH

**Assédio:** meninas prostitutas dançam com os clientes e cobram de R\$ 3 a R\$ 5 pelo programa fora do salão



**Garotas são assediadas de modo ostensivo e fazem programas em carros**

**Geralmente, os cafetões são jovens filhos de índios com poder na área**

Uma outra, R.A.R., 17 anos, foi agredida por um terceiro por recusar um beijo. Na mesma madrugada, um amigo sua, a T.B.P., foi fazer um programa dentro de um carro, um velho Opala, com um homem branco, de aproximadamente 30 anos. Depois de minutos, os dois discutiram, e ela saiu do carro abotoando a blusa e falando alto no idioma cainganga. O cliente a seguiu, e foi em direção a um jovem índio bêbado, irmão e cafetão da menina. Os dois travaram uma discussão: o cliente queria de volta os R\$ 5 adiantados. O casal retornou ao Opala e só saiu de lá uma hora depois.

Situações como esta acontecem com regularidade. Segundo um assíduo frequentador do bailão, um jovem colono, seguidamente os clientes acertam o programa com uma menina indígena por um preço e no final elas querem mais dinheiro.

— Isto ainda vai dar morte — aposta.

Há chances de isso acontecer realmente. C.R., prostituta indígena, 15 anos, diz que essa confusão ocorre porque

parte do dinheiro ganho nos programas vai para os primos. Essa palavra necessariamente não significa parentesco. É a designação usada pelas garotas para se referir ao cafetão, que a protege e arruma clientes. Geralmente, são jovens filhos de índios com poder na área. Dentro do bailão, eles também usam as prostitutas para facilitar outros negócios ilícitos.

Na mesma noite, um líder da comunidade de Irapuá (parte da Reserva da Guarita) negociava com um agricultor o arrendamento clandestino de uma gleba para plantar soja no verão. Os dois discutiram muito, e pareciam distantes de um acordo. O agricultor argumentava ter medo de fechar o negócio e depois ser expulso da

área pelo cacique. O líder chamou duas meninas e mandou o agricultor escolher uma delas com quem beber e dançar.

No final da madrugada, os rostos das jovens prostitutas indígenas parecem desfigurados pela maquiagem barata deslizando com o suor, os efeitos das bebidas e o cansaço. Até o amanhecer, algumas delas ainda irão fazer um programa com branco por uma simples carona até em casa.

			807	

## Mestiços indesejados são a maior vítima

Um das vítimas da prostituição das meninas indígenas caingangues são os seus filhos, a maioria mestiços rejeitados pela tribo e pelo pai branco. Nas comunidades onde o problema da prostituição é mais agudo, como em algumas áreas da Reserva da Guarita, em Tenente Portela, em cada cinco nascimentos, três são de mestiços filhos de garotas de programa.

A rejeição do mestiço pela tribo ocorre devido a duas questões: a cultural – há os que defendem a “pureza” como forma de preservação dos caingangues – e a econômica. Como filho de índia, a criança tem direito a terra. Até pouco tempo os mestiços eram filhos de casamentos entre colonos brancos e índias. Sofriam rejeição da tribo, mas a situação era atenuada porque viviam com os pais. A situação mudou. Como o pai não assume o filho, o seu sustento passa a ser obrigação dos avós.

O índice de mortalidade infantil, em algumas áreas da reserva, chega a 47%. A maioria dos óbitos acontece após o sexto mês, período em que geralmente a mãe pára de amamentar e a família não tem

recursos para suprir a alimentação da criança.

Os líderes da Guarita acabaram tornando a abundância de mestiços mais um negócio ilegal. Segundo um técnico da Fundação Nacional do Índio (Funai) que pediu para não ser identificado, líderes exigem uma parte do salário-maternidade da mãe (o governo paga durante quatro meses um salário mínimo mensal) para permitir a presença do mestiço na área. A denúncia está sendo investigada pela Polícia Federal.

V.S.P., 16 anos, mãe de uma garotinha, confirma a denúncia. Ela diz que precisou pagar o líder da sua comunidade para não ser importunada. Também exigiu dela favores sexuais. A irregularidade revolta religiosos que trabalham nas áreas indígenas. Um deles chegou a ameaçar com o fogo do inferno o cacique da Guarita, Valdir Joaquim, caso não tomasse nenhuma medida contra a cobrança ilegal das mães solteiras. Pouco o cacique pode fazer para resolver o problema porque são os seus próprios homens os envolvidos com a ilegalidade.



**Sofrimento:** o retrato é a recordação mais sólida da família da velha caingangue que rolou pelo mundo

## Olga resume saga de mulheres

A saga miserável das caingangues pode ser ilustrada pela trajetória de Olga Pereira, 68 anos. A história começa no despontar da década de 1960, quando foi expulsa da Reserva Indígena de Vontouro, na região de Erechim, porque o governo do Estado retirara dos índios metade da terra para assentar colonos.

– Rolei pelo mundo de Deus – resume Olga.

Acabou indo morar em uma vila miserável de Nonoai, onde se casou com um homem branco e teve três filhas. Uma delas conheceu nos anos 90 em um baile o vice-cacique de Nonoai, Darci Camilo. Os dois tiveram um caso e uma menina. Em 1989, Camilo era um dos líderes que lutavam para reaver as terras indígenas tomadas pelo governo nos anos 60 com o pedaço da reserva onde morava Olga. Em um sábado de abril, Camilo foi tocado e morto com um tiro na cabeça.

Onze anos depois, em junho de 2000, foi a filha de Olga quem virou notícia de jornal: ela e um grupo de pessoas foram presos por explorar a prostituição de menores, entre elas, a própria netinha de Olga.

A tragédia deixou a menina de 11 anos confusa. Ela diz que é índia e quer ir viver na reserva. A vó Olga sabe que não tem a menor chance. Embora a garotinha esteja tendo apoio do Conselho Tutelar de Nonoai, suas chances de uma oportunidade na vida são poucas, porque é pobre, mestiça e não tem em quem confiar. Está só.

**SEGUE**

			807	



## ÍNDIAS PROSTITUÍDAS (FINAL) Chefe da Funai é ameaçada

A chefe do Posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) da Reserva da Guarita, em Tenente Portela, a caingangue Albertina Rosana Dias, 45 anos, foi ameaçada de morte ontem. Foi uma reação dos exploradores de índias ao fato de Bete (como é mais conhecida) apoiar as famílias que denunciaram o aliciamento das filhas para a prostituição. Partes do conteúdo de um relatório enviado por ela à Procuradoria da República foram reveladas na primeira reportagem da série Índias Prostituídas, de Zero Hora.

A ameaça, por meio de telefonema anônimo, parece não ter abalado a chefe do posto. No cargo há três anos, ela disse que manterá o seu trabalho em defesa dos índios. A postura a coloca na lista de pessoas juradas de morte que circula pela Guarita, uma área de 22 mil hectares onde vivem 4 mil caingangues. Todos lembram do destino trágico de uma professora, Lorinete Branbati, 23 anos, que desafiou os aliciadores de garotas.

Foi no início dos anos 90: Lorinete lecionava na



**Alvo:** Albertina Rosana Dias

Ontem, Joaquim não foi encontrado na reserva para falar sobre as acusações. A situação dos outros 11 funcionários da Funai na área não é muito diferente em relação à da Bete. Vários estão jurados de morte pelo cacique e por seus aliados. Inclusive o posto da Funai foi retirado do interior da área por falta de condições de trabalho.

reserva e se revoltou contra a prostituição de suas alunas pelos líderes. Foi morta e queimada dentro de casa. O crime é usado até hoje como um aviso a todos os que desafiam o poder dos líderes na reserva. Bete já sofreu três atentados, um deles à bala, ao denunciar quadrilhas de comerciantes que exploravam os índios aposentados. E se candidatou ao quarto quando incluiu no seu relatório rotineiro de atividades para a direção da Funai uma longa e detalhada lista de crimes cometidos pelo cacique da Guarita, Valdir Joaquim, e seu estado-maior.

A lista vai desde desvio de dinheiro público até prostituição. O relatório foi para a Procuradoria da República, em Santo Ângelo, e para a Polícia Federal.

FOTOS RONALDO BERNARDI/ZH



**Luta:** G.R., 15 anos, move ação judicial contra o pai de sua filha

### A causa de uma mãe

O futuro de T.R., dois anos, é incerto. A menina é uma mestiça vivendo em um meio hostil, a Reserva Indígena da Guarita, em Tenente Portela. Na época em que nasceu, a sua mãe, G.R., tinha 15 anos e muitos sonhos, todos destruídos em um piscar de olhos.

Estudante de Ensino Médio, ela se deixou seduzir pela conversa de uma amiga e acabou tendo um relacionamento com um jovem da cidade, que a levava a bailões e a tirava da aula para namorar, e engravidou. Na hora de reconhecer a paternidade, o jovem alegou que ela era uma "prostituta bu-

gra". Portanto, segundo o argumento do rapaz, não teria nenhum direito.

O caso está na Justiça. Enquanto isso, os pais de G.R. sustentam a menina. O pai da criança não quer nem ouvir falar da garotinha. Diz que, igual a G., há dezenas se prostituindo pelas ruas de Tenente Portela.

O caso foge à regra. Geralmente as mães solteiras da tribo não procuram seus direitos em relação aos filhos. Muitas acabam se prostituindo. G. quebrou a regra porque foi apoiada pelos pais, o que também é raro.